Práticas de ensino de português para o vestibular da FURG.

Luiz Felipe Macedo dos Santos [1]

Este trabalho tem o objetivo de analisar as práticas de ensino de português em um cursinho preparatório para o vestibular da FURG.

O Pré-vestibular Paidéia é constituído, em sua maioria, por alunos que estão ou já passaram pelo segundo grau há algum tempo. São eles oriundos de uma pedagogia que é voltada principalmente para um ensino da palavra e da frase descontextualizada. Com isso, em minhas aulas, foi verificado que na escola os alunos tiveram pouca prática da escrita e do argumento, sendo acostumados a decorarem classificações e nomenclaturas. Pouco incentivados a desenvolverem suas habilidades críticas de um modo geral.

As aulas no cursinho pré-vestibular Paidéia foram direcionadas à preparação dos alunos para o vestibular da FURG. Tendo em vista esse objetivo, as aulas foram conduzidas de forma a fazer com que os alunos percebessem a importância do que estava sendo praticado. Estimulando, assim, o pensamento crítico e criativo, sem perder o foco nas questões em que seriam avaliados no concurso.

Além disso, todo o programa foi dirigido de forma que possibilitasse uma reflexão em relação à linguagem escrita e oral, com intuito de desmitificar conceitos pré-estabelecidos que não possuem respaldo entre as comunidades científicas, as quais se dedicam em estudar o uso real da língua.

As aulas no Paidéia fizeram parte do meu estágio de conclusão do curso de letras-português da FURG. Através da coordenadoria do pré-vestibular foi estabelecido o cronograma com o conteúdo a ser ensinado. A partir disso, os planos foram elaboradas, em conjunto com a orientadora, de forma a exercitar as capacidades lingüísticas da turma, afim de prepará-los para o concurso. De forma sistemática, eram trazidos para a sala de aula textos dos mais variados tipos, como: textos jornalísticos, charges, poemas e músicas, sempre de forma a explorar a gramática implícita na construção dos mesmos.

A proposta pedagógica foi pensada partindo da tríade: leitura, fala e escrita, pois a exploração desses três elementos em conjunto, propiciaria o desenvolvimento das potencialidades lingüísticas inerentes, promovendo uma ampliação de suas competências comunicativas, ou seja: a melhora no desempenho de um elemento sempre trará reflexo nos outros dois. Sendo assim, todas as competências lingüísticas seriam exploradas em sala.

---

[1] Acadêmico do 4ª ano do curso de letras-português da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG.

Sempre no começo das aulas, era dado aos alunos um texto. Em seguida, era discutido e analisado, sempre de forma a instigar na turma as possibilidades de leitura, com conversas reflexivas acerca do que foi lido, com apontamentos e críticas. Esse tipo de dinâmica tinha o propósito de fazê-los diferenciar a sua própria leitura da abordagem feita pelo autor do texto estudado. Nesse mesmo momento era feito um trabalho de identificação e diferenciação entre o que o texto abordava e a própria opinião dos alunos.

Esse tipo de situação visava treinar o aluno a evitar um dos equívocos freqüentes nas provas de vestibular: confundir a sua opinião com a opinião do autor de um texto inserido na prova. Em todas as aulas foi aplicada essa metodologia, promovendo intensos debates com o propósito de exercitar o poder de argumentação. Sendo eles, a todo o momento, instigados a opinar.

O meu papel era o de mediar, de não deixar o assunto sair de foco sempre esclarecendo as dúvidas pertinentes. Após os debates, eram realizados exercícios analíticos expositivos relacionados aos textos discutidos. Então o aluno teria a oportunidade de expor suas colocações através da escrita, sendo esse o objetivo principal: a competência comunicativa na escrita.

As aulas foram embasadas em uma proposta de trabalho em que o principal era preparar o aluno para uma realidade: um bom conhecedor da língua, não é essencialmente um bom conhecedor das regras gramaticais. Sírio Possenti, em seu livro *Por que (não) ensinar gramática*, diz:

> (...) se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais.(1997:53-54)

É nesse sentido que os plano de aula foram elaborados: de forma a seguir todo o conteúdo gramatical estabelecido pelo cronograma. Nesse eram estabelecidos que os alunos deveriam trabalhar: Figuras de linguagem, os sujeito, as concordâncias, substantivos, entre outros conteúdos. Sendo todos vistos de forma implícita nos textos, de modo que ajudassem na composição e na interpretação das crônicas, textos jornalísticos, charges, etc. Para isso, foram elaborados exercícios de compreensão textual: exercícios de múltipla escolha e analítico expositivos, com ênfase no último, por ser os que contêm maior grau de dificuldade para os alunos desenvolverem.

Além dos exercícios propostos, ao final dos encontros os alunos teriam que desenvolver uma redação aos moldes do vestibular da FURG, sendo que os textos seriam

feitos em aula para serem entregues em um determinado tempo pré-estabelecido. Os temas das redações eram de acordo com os textos já trabalhados no dia. Antes de começarem o momento da escrita, era feito um debate em torno do texto que serviria de guia para a feitura da redação. Os temas, discutidos sempre de forma muito participativa pelos alunos, giravam em torno de assuntos que estavam em voga no momento.

Ao corrigir essas redações, foi fácil perceber algumas dificuldades de expressão. Salvo raras exceções, problemas de coesão e coerência textual eram bastante freqüentes. No entanto, esses problemas foram, à mediada que a prática foi sistematizada e intensificada, sendo amenizados. Do mesmo modo, desvios ortográficos (que para muitos é considerado erro de português), foram sendo menos verificados também.

As aulas sempre foram pautadas por debates: toda a prática pedagógica era direcionada para que o aluno se sentisse estimulado a interagir de forma crítica. Para isso, as atividades de leitura eram, imprescindíveis, pois através delas que se poderia construir a criticidade: analisando cada aspecto textual, fazendo com que "enxergassem" possíveis intenções dos autores ao escrever. Trazendo à tona os efeitos de sentido implícitos reproduzidos nos textos.

Da dificuldade inicial até a compreensão desses mecanismos de leitura, a gramática teve um papel fundamental, pois ao trabalhar, por exemplo, os sujeitos, ou os complementos contidos em cada texto, elevou-se os conteúdos de mera condição formal para o de agente principal no entendimento textual. A gramática deixou de exercer um papel de vilão das aulas de português para ser uma ferramenta importante na elaboração do raciocínio argumentativo. Sendo assim, a gramática foi vista e trabalhada, mas de forma leve e funcional, de forma que os alunos se sentissem estimulados a aprender.

A proposta das aulas foi a de ser baseada na atividade com textos e na análise dos mesmos, diferentemente de aulas em que o principal é o estudo da gramática descontextualizada. No entanto, nos primeiros encontros, essa proposta não era bem entendida pela maioria dos alunos, pois estavam acostumados às aulas tradicionais. Assim, ao terem contato com uma proposta que, em certa medida, era diferente do que estavam acostumados, muitos alunos questionavam se haveria "aula de gramática", ou "aula de português".

Foi interessante observar nos alunos, a desvinculação da gramática com o texto, como se fossem dois fatores distintos da língua. Essa visão muitas vezes é corroborada, por escolas, e até mesmo por cursinhos preparatórios para os mais diversos tipos de concursos, incluindo o vestibular. Isso porque a prática divide as "aulas de redação" com as "aulas de português",

cada uma no seu horário com um professor específico. Fazendo com que tal prática, para o aluno, criasse a ilusão de que uma não se serve da outra diretamente. Parte dessa ilusão também é provocada por causa de alguns concursos públicos - hoje cada vez menos - que apresentam provas com atividades com essa clara divisão: desvinculação texto/gramática.

Os questionamentos feitos pelos alunos, em relação ao conteúdo das aulas, tiveram origem na preocupação com o que é exigido na prova do vestibular. O argumento dos alunos era que, no manual do candidato, estava contido todo o conteúdo exigido para a prova, e que assim deveriam ver pontualmente cada um deles. Logo, foi feito um trabalho de desconstrução de pensamento, ou seja, as dúvidas emergentes serviram de âncora para que fosse desmistificada uma série de (pré) conceitos acerca da língua e da aprendizagem da mesma.

Marcos Bagno, em seu livro *preconceito lingüístico - o que é, como se faz*, diz:

> (...) Se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade). E os bons escritores seriam especialistas em gramática. (2006:62)

O autor, quando cita a gramática, refere-se ao estudo de nomenclaturas e classificações gramaticais para que se tenha um bom desempenho na escrita, sendo que esse não é o fator que irá ajudá-los a saberem se expressar com qualidade. Somente a atividade de escrita, feita de forma diária e sistemática é que - acredito - vai trazer os resultados esperados.

Ao deixar claro que o vestibular da FURG, na prova de língua portuguesa, é elaborado para avaliar a competência discursiva do aluno, exigindo pouco conhecimento técnico da língua, fez com que os alunos se adaptassem às aulas, de forma que as dúvidas e a natural insegurança fossem sendo diminuídas.

Por isso o trabalho realizado com os alunos teve o efeito esperado: um aprendizado de uma gramática funcional, que realmente ajudasse os usuários da língua a ampliarem sua percepção acerca da linguagem. Um dos fatores responsáveis por isso é o fato de se fugir das aulas tradicionais de língua portuguesa, as quais são excessivamente técnicas.

O que é notório é a ineficácia de programas amarrados em normas técnicas, que não produzem no docente o estímulo à aprendizagem, com aulas enfadonhas e contraproducentes, que não desenvolvem sujeitos críticos de suas realidades, e sim sujeitos mecanizados, apenas repetidores de normas e regras.

Nas atividades, foram abertos espaços para discussão do próprio sentido das regras como uma forma de fomentar a criticidade e o argumento e, conseqüentemente, promover a

discussão a respeito da língua. Para exemplificar, em uma aula, foi posto no quadro negro um conceito usual nos livros didáticos de português, acerca da metáfora, como no livro *Aprender e praticar gramática,* de Mauro Ferreira, que diz:

> Metáfora - emprego de uma palavra com sentido usual, a partir de uma comparação subentendida entre dois elementos. (2003:624)

Após a exposição foi perguntado a eles se todos estavam de acordo com a norma. A resposta foi que: “se estava no livro, era porque estava certo!”. A partir dessa colocação tentei demonstrar o quanto é importante pensar a respeito do que se lê, fazendo com que percebessem a idéia contida na teoria.

Por exemplo, conforme o livro, o termo “usual” denota algo que seja de uso comum, no caso, a palavra. Essa sendo comum significa dizer que todos os usuários da língua a utilizam, ou seja: a metáfora é uma estratégia de linguagem usada por todos nos mais variados momentos e lugares. Em seguida pedi aos alunos que dessem vários exemplos de metáforas usadas no cotidiano, sendo que a partir deles eu desenvolvi toda a aula a respeito de figuras de linguagem.

Esse fato serviu para promover uma discussão mais ampla em relação à língua e à linguagem: os conceitos de certo e errado. Um dos temas que mais gerou discussão foi em relação à fala. Nessas discussões, foi abordado o velho mito de que o brasileiro fala errado. Entretanto, foi de fácil percepção dos alunos que cada fala, ou cada modo de se expressar, tem suas características de acordo com a classe social, idade, comunidade e várias outras situações que exigem uma “roupagem” específica para cada momento comunicativo.

A proposta de ensino de língua portuguesa deve ser voltada para a construção de seres capazes de melhor interagir socialmente, que possam, através de atividades instigantes, possibilitarem no aluno a ampliação de seu repertório comunicativo. E isso só será possível à medida que os professores voltarem-se para o estudo de uma gramática real e funcional. O que vai preparar os alunos a interagirem socialmente em todas as situações em que serão exigidos a se comunicarem de forma coerente e criativa.

Hoje já é possível perceber sinais de mudança em relação às aulas tradicionais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), já privilegia a elaboração de aulas que têm o intuito de valorizar a expressão oral e escrita, sem a preocupação com ensino metalingüístico da língua. O livro *Aula de português - encontro e interação*, de autoria de Irandé Antunes, diz:

> Os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos. (2006:22)

Portanto, dar o próximo passo é cabível às escolas e aos professores, o que irá consistir em privilegiar um sistema pedagógico que fomentem sujeitos capazes de usarem a língua como forma de maior participação política na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português - encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2006.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico - o que é, como se faz.* São Paulo:Loyola, 2006.

FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2003

GERALDI, João Wanderley. Escrita, uso da escrita e avaliação. IN:GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2005.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.